

O Estado de S. Paulo

24/7/1986

Noticiário Geral

Cortadores de cana voltam ao trabalho

AGÊNCIA ESTADO

Terminou ontem a greve dos bóias-frias na região de Ribeirão Preto. Por causa da chuva e da desinformação sobre o acordo firmado entre representantes da Faesp e Fetaesp, terça-feira em São Paulo, muitos cortadores de cana não foram ao trabalho, que só deverá normalizar a partir de hoje, segundo previsão de sindicalistas e usineiros.

Em Sertãozinho, onde todos os 15 mil bóias-frias chegaram a paralisar suas atividades, segundo cálculos do sindicato, a volta ao trabalho foi decidida anteontem. Em Serrana, os líderes da greve convocaram assembléia para ontem, às 6 horas, mas ninguém compareceu. A ratificação do acordo — que prevê o pagamento de uma hora extra por dia para compensar o tempo gasto no transporte aos canaviais, a elevação da diária de Cz\$ 43,68 para 50,00 e o cumprimento de todas as cláusulas do acordo assinado em junho — ficou para ontem à noite.

A greve, iniciada há uma semana, foi pacífica, apesar das previsões em contrário dos dirigentes sindicais, que temiam mais violência nos piquetes, após os episódios de Leme. Ontem, porém, os próprios policiais cuidavam de avisar os trabalhadores da assembléia e, ao final, um capitão da PM foi pessoalmente ao sindicato "agradecer à colaboração" dos grevistas pela ausência de incidentes.

Tanto os usineiros como os sindicalistas classificaram a instituição da chamada súmula 90 da CLT, que prevê o pagamento de horas extras pelo tempo consumido com o transporte, como "o, maior avanço social" na área desde as greves de Guariba, em 1984. "Precisamos, agora, de uma contra-partida do governo para reajustar nossos preços defasados", alertou o superintendente da Usina da Pedra, de Serrana, Pedro Biagi.

"Estamos conscientes de que o trabalhador deve ganhar mais, acontece que fomos dos setores mais prejudicados com o congelamento de preços", completou Luiz Antônio Ribeiro Pinto, da Usina Santa Lúcia, de Ribeirão Preto. Já os sindicalistas garantem que continuarão insistindo em algumas reivindicações, como a entrega de comprovante da pesagem da cana.

Segundo o advogado da Fetaesp, Jorge de Souza, autor da idéia da instituição da sumula 90, os trabalhadores terão um reajuste médio de 12%, além do aumento nas diárias. Já o diretor da Contag, Hélio Neves, anunciou que essa reivindicação fará parte da pauta dos cortadores de cana das regiões Centro-Sul e Nordeste nos próximos dissídios. Em Ribeirão Preto, o subdelegado do Trabalho, Paulo Cristino da Silva, garantiu que vai intensificar a fiscalização, anunciando que em cinco dias já foram lavrados 90 autos de infração por desrespeito ao acordo firmado em junho.

NA ASSEMBLÉIA

O presidente da Assembléia Legislativa, deputado Luiz Carlos Santos (PMDB), determinou à sua assessoria jurídica que lhe sugira procedimentos diante da representação apresentada pelo deputado Anísio Batista (PT), que solicitou providências diante de violências que alega ter sofrido durante o choque entre PMs e bóias-frias, em Leme. Segundo Batista, ele foi a Leme para colaborar na solução da greve e evitar maiores violências por parte da polícia, mas, durante os incidentes, PMs o colocaram no carro de presos, juntamente com os deputados

federais Djalma Bom e José Genoíno e seu motorista, conduzindo-os à Delegacia de Polícia, depois de ficarem duas horas dentro do veículo.

Batista afirmou ainda que na delegacia foi feito um termo de suas declarações e que os exames de corpo de delito atestaram que os detidos sofreram ferimentos — em circunstâncias que ele não esclarece. Segundo o deputado, o porta-malas de seu carro foi violado e o interior do veículo remexido. Ele negou versões de que o tiroteio tinha sido iniciado pelo carro da Assembléia, que estava sob sua responsabilidade, e criticou autoridades que "com acusações infundadas e caluniosas" responsabilizaram o PT pelos acontecimentos.

(Página 11)